

REDACÇÃO
LARGO DE S. FRANCISCO
ADMINISTRAÇÃO
Rua Infante D. Henrique, 27 e 33
(CASA BRITO & SOUSA)

COMPOSIÇÃO E IMPRESSÃO
COMPANHIA EDITORA DO MINHO

ACÇÃO SOCIAL

SEMAMARIO CATÓLICO
(COM APROVAÇÃO ECLESIASTICA)

ASSINATURAS
Ano... 12\$00 Semestre... 6\$00
Pelo correio, mais o porte.

ANUNCIOS
Linha (corpo 12)... 1\$00
Repetição... \$50
Comunicados — linha... \$70
Anúncios permanentes, contra-
cto especial.

REACTOR PRINCIPAL E EDITOR—João de Sousa (Mário Silveira)

ADMINISTRADOR—Avelino Gomes de Sousa

PROPRIEDADE da Empresa da 'ACÇÃO SOCIAL'

O partido da Igreja

• E' o Centro Catolico Portugues—o partido da Igreja.

Ele pretende ser a «minoría compacta e disciplinada que os acontecimentos tornarão o arbitro dos destinos do paiz»—frase feliz em que Jean Guiraud, illustre director de *La Croix*, de Paris, fazia ha dias salientar o objectivo da mudança de tactica que se está operando entre os catholicos franceses, que começam a pôr de lado as difficuldades de ordem politica que teem impedido a sua organização no terreno exclusivamente religioso.

«A difficuldade da organização francesa, dizem as «Novidades», tem provindo da divisão dos catholicos em monarchicos e republicanos, em conservadores e democratas. Todos se querem unir, mas todos reclamam que a união se faça no seu proprio terreno, procurando assim confundir o catholicismo com os partidos da esquerda».

Esta tem sido tambem a difficuldade da completa união dos catholicos no nosso paiz. Pretendem os republicanos que ella fosse feita dentro do seu terreno, e os monarchicos teem pretendido que ella não saia fóra das suas hostes. E dahi o combate apaixonado feito ao Centro—porque o Centro se declara completamente alheio ás lutas da politica e superior aos interesses das facções.

Perfeitamente definida a posição do Centro Catolico Portugues diante dos defensores deste ou daquele sistema politico, com a declaração de que não pretende governar o paiz nem conquistar aos partidos a posição que elles occupem no terreno que lhes é proprio, o Centro alarga já a sua organização e vai conquistando, pouco a pouco, a posição que naturalmente lhe está indicada.

Dentro de pouco, Portugal terá essa «minoría compacta e disciplinada que os acontecimentos tornarão o arbitro dos

destinos do paiz»—não para uma mudança de instituições e não para sustento do actual regimen, porque nesta particularidade o Centro não meterá prego nem estopa.

Tal acção pertence aos politicos, e não aos catholicos. A Igreja não tem predilecção especial por tal ou qual forma de governo.

O que o Centro discute é a legislação,—e esta, que não pode ser considerada obra de um regimen mas sim dos homens a quem o paiz confia o mandato de legislar e de governar, é que interessa à Igreja.

Se em Portugal ainda existe uma legislação que atenta contra os principios de liberdade religiosa e contraria a expansão das verdades do Evangelho e, assim, a formação de uma sociedade moralmente bem educada, politicamente justiceira e caritativa, animada de bem fazer e de administrar com zelo e imparcialidade, é porque a desunião dos catholicos no terreno doutrinario e sobranceiro ás paixões politicas, tem permitido que essa legislação exista ainda nos arquivos officiais e em execução.

Não tenhamos duvidas. A culpa é de nós todos—de nós todos, os catholicos. Não a atribuamos sómente aos politicos nem aos regimens que elles servem. A culpa é fundamentalmente nossa—dos catholicos.

Para pôr em pratica os seus principios, a Igreja não quer a revolução, pois a condena desde a Roma dos Cesares. Para tal efeito a Igreja prefere a lucta legal. no terreno absolutamente legal. Prefere a conquista, palmo a palmo, com calma, com orientação firme, das posições de onde lhe vem o ataque.

E nesta ordem de ideias, obedecendo a este plano, caminha o Centro Catolico Portugues sob a direcção do Episcopado. Não entregou a direcção da sua conducta a outros que não fossem os seus representantes legitimamente representados, os fiadores da Ver-

MELHORAMENTOS LOCAIS

A redacção deste semanario foi de amabilidade extrema—e exagerada—ara comigo quando ha quinze dias escrevinhei um insignificanté artiguêlho sob-titulo—tambem exagerado—«Melhoramentos locais».

Apenas tornei publicas—atrevidamente—impressões, nem todas minhas, trocadas em excursões recentes pelas proximidades de Barcelos.

O seu a seu dono portanto e quanto a mim umas coisas escritas ou desenhadas em horas de descanço, para ser agradável a um ou outro amigo, por forma alguma constituem *prova* sufficiente de competencia tornando-me merecedor das referencias amabilissimas com as quais a redacção apresentou o meu artigo.

E para que se veja que não sou eu agora a exagerar modestia, assinarei estas notas de pasatempo, obrigação que de todo me passou ha dias. Não pensava receber as honras de publicação—na integra de escrevinhadelas minhas!

A ultima das excursões referidas foi á igreja de Rates. O seu restauro, quase concluido no issencial, mostra quanto é possível fazer-se e se deve fazer na orientação de salvar o nosso patrimonio tradicional.

Chamou a atenção a forma cuidadosa como se fez o enchimento das juntas nas parêdes interiores do velho templo românico e a ponto de que no dia seguinte fui vêr se tal valeria a pena aplicar na casa quatrocentista do Condestavel Dom Nuno.

Imagine se a minha surpresa ao encontrar aquilo tudo *esboratado* com espessa camada de óca, porta e janelas repintadas a óleo e côr castanha em dose para lavar e durar!

O proprietario tinha *conceitado* a casa sentindo-se por certo glorioso com a sua obra. Não é

dade que se encerra na propria Igreja. Entregou a direcção do combate aos Bispos, como delegados, que são, do Vigario de Cristo.

Com eles vamos trabalhando, seguros da victoria.

Constituamos, pois, dentro do Centro Catolico, essa minoría compacta e disciplinada de que fala Jean Guiraud, bem entendidos com a Igreja, para conquistarmos, já nas eleições que se realizarão breve, a posição de arbitros dos destinos do paiz—não para o governar, mas para sermos um freio que evite a continuação de tantos males de que todos temos sido victimas.

Mário Silveira

porem mal sem remedio e antes isso do que a ideia de demolir como pretendiam fazer à interessantissima casa da mesma época ainda por milagre existente em frente ao teatro.

E vem a proposito completar a referencia que ha dias fiz aos trez edificios historicos do Largo do Apoio: casa do contestavel, Tronco antigo e casa do alferes da bandeira do Duque de Barcelos morto em Alcacer-quivir.

Lembrou-se a vereação camararia de aplicar nessas reliquias de outros tempos umas lapides rememorativas, ideia excelente acho que já aprovada.

Sendo o largo pequeno e pequenos dois dos edificios, tambem reduzidas teem de ser as inscrições no tamânho e nos dizeres; placas do ottimo granito regional, lêtra antiga a prêto gravada fundo na pedra e para modelo alfabético as creações do primoroso aquarelista Alberto de Sousa—meu consócio na Associação dos Arqueólogos—que ha dois anos tão lindos trabalhos fez com motivos barcelenses e esse sim é um competente.

Os dizeres poderiam ser assim:

—Casa de Dom Nuno Alvarês Pereira 2.º condestavel de Portugal e 7.º conde do-

natario de Barcelos em 1385 «A. D.»=

—Casa de Gaspar Goes Rêgo alferes da baddeida do 3.º Duque de Barcelos heroicamente morto em Alcacer-quivir em 4 de agosto de 1578=

—Esta casa foi o Tronco prisão municipal antiga, até aos anos de 1631=1636 passando depois para os Morgados da Carmôna=

E a veracidade das inscrições abona-se com a tradição e documentalmente—quanto á residencia de S. Frei Nuno de Santa Maria—com a sua originalissima pedra armoriada ostentando a cruz florenciada dos—Pereiras—e com o emprasamento mencionado por Azevêdo e Menêses nas «Ninharias» «1912» pgs. 250,—quanto ao solar dos «Rêgos»—com o bom estudo publicado pelo falecido Antonio Ferrás em 1911 no n.º 18 «2.º ano» da «Barcelos Revista» e em referencia á «casa dos carmônas» com o documento transcrito por Bento Antas da Cruz no seu curioso «Roteiro historico» em publicação na «Acção Social» (n.º 109 de 15 de agosto findo).
Barcelos 10-9-25

José de Mancêlos Sampaio

Resposta episcopal ao sr. A. Pimenta

Refutação do illustre Prelado de Bragança... «saber, polemista de incontestavel valor moral e intelectual»... traçando «aos jornalistas catholicos o legitimo plano do ataque ou defeza» (Dum jornal anti-centrista: ipsi verbis, na parte entre cômas; em substância, no conjunto).

Uma afirmação inexata do sr. A. Pimenta.

Está demonstrado, pela experiência dos séculos, que a forma republicana, ou melhor, que o regimen democrático é incompatível com a grandesa, a prosperidade, a ordem moral dos Povos.

O egrégio Prelado desmentindo com os factos e frustrando a força provativa da afirmação do antagonista

Será assim, porque o sr. Pimenta o diz: mas nós cuidávamos que o maior povo da antiguidade prosperou principalmente no tempo da República; e que ainda hoje ha na América repúblicas bem prósperas; e que até na velha Europa, segundo o testemunho dado pelo proprio sr. Pimenta, poucas linhas antes, a Suissa e a Alemanha podem ser oferecidas por modelos a Portugal.

A' laia de apêndice

Deixemos por hoje o tom grave da prosa vigorosa, sucolenta contudente, do eminente polemista brigantina, e vamos a umas ligeiras anotações á tirada abespinhada do sr. A. L. contra o inofensivo V. A.

A parangona... arreliante. E agora, poderá dizer-se que está deturpada quanto á forma? As palavras transcritas lá ficam muito apartadinhas, intactas, metidinhas entre aspas. ...A não ser que as gralhas façam por lá alguma diabrura.

Para não ferir excessos de escrúpulos, até o verbo *traçando* fica fóra da cercadura, apesar de que não deveria ser motivo de muito barafustar, se ficasse dentro. Porquê? Diz o sr. A. L.: «...até que a refutação do illustre prelado de Bragança traçasse aos... jornalistas catholicos...».

Isto escrevia o sr. A. L. quando a refutação esperada era ainda um futuro. Veio a refutação. Quando eu empreguei a parangona, a refutação era um presente sucessivo. Por conseguinte aquele *traçando* (participio do presente) em vez de *traçasse*, foi uma mudança, resultante da mudança da circunstância do tempo, a qual em nada prejudicava o sentido e intuitos do texto. Mas deixemos lá essa chinesice, que, á falta de coisa de mais valor, foi aproveitada para um...artificioso escarceu.

Repergunto: Essa ligeira correcção da parangona alterou a substância da citação?

—Mas ah! A parangona como está, é descortiar o texto original; e suprimir-lhe o pensamento dominante.

—Sim. Compreendi qual é esse pensamento, duminante: por sinal é uma deprimenda indelicada, grosseira, apedantada, (n'uma eructação de *cobras e lisuranços*...) contra os jornalistas do Centro. Esse lindo pensamento, com o competente vômito da bicharada peçonhenta

COMPANHIA EDITORA DO MINHO

SOCIEDADE ANONIMA DE RESPONSABILIDADE LIMITADA

Capital -- Cem contos

SÉDE = RUA D. ANTONIO BARROSO = BARCELOS

TIPOGRAFIA oficinas montadas com material aperfeiçoado, aptas a executar todos os trabalhos de impressão, a uma ou mais côres.

ENCADERNAÇÃO oficina em que se tomam todos os trabalhos de encadernação e brochura, e que são executados com perfeição e segurança.

PAPELARIA vendas por junto e a retalho, de papeis, de todas as qualidades, para impressão e escrita. Objetos de luxo para escritório.

NOVA PADARIA

A Panificadora, Limitada

Rua Infante D. Henrique

Estabelecimento ótimamente montado, obedecendo a todas as condições higiênicas, de asseio e limpeza. Fabrico de todos os tipos de pão fino e semias, para o que tem pessoal habilitado.

Fabrico especial de PÃO DOCE

Experimentem e confrontem, para preferirem esta **NOVA PADARIA**, que prima em bem servir o publico.

ESTABELECIMENTO DE FARENGAS

DE JOÃO DE SOUSA

Rua D. Antonio Barroso, 13 e 15

BARCELOS

Grande sortido de casimiras, cheviotes e picotilhos, proprios para fatos e sobretudos. Flanelas e casimiras pretas para fatos. Variado sortido de tecidos para vestidos de senhora. Cotins, riscados, flanelas, fantasias, cassas, fustões, armures, chales pretos e de côr, etc., etc.

Completo sortido em miudesas

PREÇOS SEM COMPETENCIA

Mercearia 1.º de Dezembro

DE

BRITO & SOUZA

Barcelos { Rua Infante D. Henrique, 27 a 33
Rua Manoel Viana, 1 a 7

Chá, café e papelaria.

Arroz, assucar e bacalhau.

Azeites especiais.

Massas de superior qualidade.

Depósito da COMPANHIA VELHA DO ALTO DOURO.

Bolacha fina, biscoitos de Valongo. Louças e vidros.

Farinhas e muitos outros artigos.

PREÇOS SEM COMPETENCIA.

A CONFIANÇA

PASSAPORTES E PASSAGENS

José Maria Monteiro Torres

Legalmente habilitado

Frente à cadeia — Barcelos

Passagens para América do Norte, Rio de Janeiro, Argentina, Africa Portuguesa e mais portos, etc. Passaportes para França Espanha, etc.

Procurar esta casa, é ter a certeza de que os seus contratos serão sempre fielmente cumpridos, e de que os Srs. passageiros seguirão ao seu destino sempre dentro da legalidade.



Esta casa não tem ligação alguma com a do seu irmão na rua Direita,